

# Opinião



VÍTOR AGUIAR E SILVA



EDUARDO JORGE MADUREIRA LOPES

osdiasdasemana@gmail.com

OS DIAS DA SEMANA

## O referendo na Catalunha (II)

O Governo de Espanha – não gosto da expressão «Governo de Madrid», utilizada amiúde pelos órgãos de comunicação social – não conseguiu evitar que o Governo da região autónoma da Catalunha realizasse, no passado dia 1 de Outubro, um referendo sobre a independência política desta região do Estado espanhol. O resultado do referendo, segundo anunciou a *Generalitat*, foi largamente favorável à declaração da independência da Catalunha. Este processo referendário decorreu de modo confuso e sem garantias de rigor democrático, não podendo por isso o seu resultado ser aceite como a expressão válida da vontade do eleitorado catalão.

**Estrategicamente, os políticos separatistas da Catalunha cometeram um erro fatal: não asseguraram previamente o apoio político da comunidade internacional, a começar pelo apoio dos países da União Europeia.**

Após cerca de vinte dias de expectativa, de ameaças e de manobras táticas por parte da *Generalitat* e do Governo de Espanha, o Parlamento da Catalunha proclamou unilateralmente, no passado dia 22 de Outubro, a independência da República da Catalunha. O Governo de Espanha, como era previsível, obteve, por larga maioria, a aprovação do Senado para accionar o artigo 155 da Constituição Espanhola, o que possibilitou ao Presidente do Governo de Espanha suspender transitoriamente a autonomia da região catalã, decretando nomeadamente a dissolução do seu Parlamento e a demissão do seu Governo. O separatismo catalão sofreu assim um pesa-

do revés no plano jurídico-constitucional.

O grave problema que convulsionou toda a Espanha não pode porém ser resolvido com estas e outras medidas de ordem jurídico-constitucional e com o reforço da intervenção policial. O problema é de ordem política e teve de ser resolvido na esfera política. A realização de eleições marcadas para o próximo dia 21 de Dezembro será um passo decisivo nesse sentido. Com liberdade, com civismo e com rigor, essas eleições exprimirão a vontade do povo catalão, permitindo que as instituições legitimadas pelo sufrágio popular – Parlamento e Governo – negociem com o Governo de Espanha a solução política mais adequada para ultrapassar esta crise que tanto prejudicou o Estado espanhol.

Após as eleições de Dezembro, será possível que o diálogo entre as diversas forças políticas abra o caminho para a adopção de uma organização federal do Estado espanhol, à semelhança do modelo alemão, norte-americano ou brasileiro, por exemplo, que preserve a unidade da Espanha e que responda aos sentimentos, às aspirações e aos projectos do nacionalismo catalão.

O Governo catalão agora demitido, com o seu nacionalismo radical e excludente, fracturou irresponsavelmente a sociedade catalã, constituída também por centenas de milhares de emigrantes oriundos da Andaluzia e da Estremadura, e conduziu a economia da região a um estado de pré-ruína (fuga de capitais, saída de grandes empresas, diminuição do turismo, etc.). Acima de tudo, a política separatista da *Generalitat* fomentou os conflitos e até os ódios entre os catalães. É lamentável que o ensino básico e o ensino secundário tenham sido instrumentalizados, durante longos anos, para efeitos de propaganda independentista.

Estrategicamente, os políticos separatistas da Catalunha cometeram um erro fatal: não asseguraram previamente o apoio político da comunidade internacional, a começar pelo apoio dos países da União Europeia. A independência da Catalunha seria inevitavelmente um incentivo e um exemplo para a fragmentação política de outros países europeus, bastando citar o caso da Itália e da Bélgica. A lógica política da União Europeia é inconciliável com a fragmentação micronacionalista.

*O autor não escreve segundo o chamado «acordo ortográfico»*

## A morte e a eternidade

O início de Novembro é, como habitualmente, tempo de os jornais se esforçarem por falar de outro modo sobre a morte. O francês *La Croix* recordou o que uma jovem judia holandesa de 28 anos, Ety Hillesum, escreveu no seu memorável *Diário*: “Já acertei contas com a vida [...] Dizendo: ‘já acertei contas com a vida’, quero dizer: a perspectiva da morte está integrada na minha vida; olhar a morte de frente e aceitá-la é parte da vida, é dilatar a vida. Pelo contrário, sacrificar desde já à morte um pedaço desta vida, por medo da morte e recusa de a aceitar, é o melhor meio de ficar apenas com um pobre fragmento de vida mutilada, que a custo merece o nome de vida. Isto parece um paradoxo: excluindo a morte da vida fica-se privado de uma vida completa e acolhendo-a dilata-se e enriquece-se a vida.”

**A ressurreição anunciada por Cristo é a ressurreição desta vida. É agora que, pelo amor, se passa da morte para a vida.**

O texto foi escrito no dia 3 de Julho de 1942 – tinha Ety Hillesum 28 anos – quando a ocupação nazi da Holanda lhe impunha o pressentimento da iminência da morte, que ocorreria no ano seguinte, no mês de Novembro, em Auschwitz. Pode aprender-se muito com Ety Hillesum e o filósofo francês Martin Steffens foi buscar à passagem citada o tom de um livro (*L'Éternité reçue*), cuja publicação, há poucas semanas, justificou a entrevista ao diário *La Croix*.

“Ter deixado de acreditar no além tem um impacto na sociedade”, dizia o título da conversa, durante a qual Martin Steffens afirma que a angústia de deixar escapar alguma coisa alimenta a sociedade de consumo. Em muitos dos que descrêem no além, ainda assim, detecta o filósofo algo de positivo: “o senti-

do da urgência, a urgência de ser feliz”. O que Martin Steffens julga, contudo, inquietante é a circunstância de esse sentido de urgência se encontrar desprovido de qualquer paz. Acreditar no além, em contrapartida, suscita idêntica urgência, todavia tranquila. É que saber, como sabem os cristãos, que tudo o que foi unido no amor nunca desaparecerá oferece serenidade.

O filósofo cita Santo Agostinho, que diz que a cidade celeste se constrói no coração da cidade terrestre, sendo no coração desta vida terrestre, nos pequenos gestos, na fidelidade a um labor quotidiano, que estamos em vias de inventar a nossa vida celeste. A vida eterna não é esta vida terrena prolongada indefinidamente – esse é o sonho do transhumanismo que só tem um além tecnológico, julga Martin Steffens – nem uma vida completamente nova sem qualquer relação com a que agora e aqui se vive. A ressurreição anunciada por Cristo é a ressurreição desta vida. É agora que, pelo amor, se passa da morte para a vida.

Só temos uma vida e ela é eterna, escreve Martin Steffens, enfatizando que é, portanto, necessário ter presentes simultaneamente as duas coisas: a irreversibilidade da vida e a sua eternidade. É que, se apenas tivermos em conta o primeiro aspecto, confrontamo-nos com este apelo angustiante – e nunca saciável – para tirar o máximo proveito da vida, através, por exemplo, do trabalho excessivo ou do divertimento sem limites. Isto não significa, claro, que se abdique de viver integralmente a vida, como os que julgam que a crença na vida eterna implica o conformismo, justifica qualquer tipo de acomodamento perante a injustiça e a infelicidade, não percebendo que a eternidade começa já a construir-se no presente.

Martin Steffens enuncia um convite, que outros, aliás, também já formularam, a que esta vida seja vivida em plenitude, não por medo de, em breve, a perder, mas porque, prometida a eternidade, não há, de facto, nada a perder. Tudo é para ganhar.